

HANS ULRICH GUMBRECHT
SERENIDADE, PRESENÇA E POESIA



HANS ULRICH GUMBRECHT
SERENIDADE, PRESENÇA E POESIA

SELEÇÃO E TRADUÇÃO
Mariana Lage



© Relicário Edições
© Hans Ulrich Gumbrecht

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

G974s

Gumbrecht, Hans Ulrich, 1948-

Serenidade, presença e poesia / Hans Ulrich Gumbrecht; Seleção
e Tradução Mariana Lage. -- Belo Horizonte, MG :

Relicário Edições, 2016.

180 p.

ISBN: 978-85-66786-44-6

I. Filosofia. 2. Estética. I. Lage, Mariana.

II. Título

CDD 190

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia
SELEÇÃO, TRADUÇÃO E ENTREVISTA Mariana Lage
REVISÃO Pedro Furtado

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

UMA NOTA INTRODUTÓRIA **7**

APRESENTAÇÃO **15**

FICAR QUIETO POR UM MOMENTO **31**

MARTIN HEIDEGGER E SEU INTERLOCUTOR JAPONÊS:
a respeito de um limite da metafísica ocidental **41**

COMO SE APROXIMAR DA
“POESIA COMO UM MODO DE ATENÇÃO”? **83**

PRESENÇA E PLENITUDE:
sobre um traço filosófico na obra de Paul Zumthor **109**

DA HERMENÊUTICA EDIPIANA À FILOSOFIA DA PRESENÇA
[uma fantasia autobiográfica] **131**

DA PRODUÇÃO DE PRESENÇA AO PRESENTE AMPLO
Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht **159**



UMA NOTA INTRODUTÓRIA

Luiz Costa Lima

Há quarenta anos, Sepp Gumbrecht, oferecendo seminários, participando de bancas de exame ou na condição de conferencista, tem estado presente no Brasil. Desde sua condição de professor assistente, na Universidade de Constança, quando foi pela primeira vez convidado para vir ao Rio, onde ofereceria um seminário na PUC-Rio, depois, já na condição de professor titular, em Bochum, depois em Siegen, até transferir-se definitivamente para Stanford, Gumbrecht sempre esteve entre nós. Creio que nenhum ano terá passado sem que ele se encontrasse ou no Rio, ou no interior baiano, em Vitória da Conquista, ou, mais recentemente, em Ouro Preto. Sua presença constante e a amizade que fez entre os que têm frequentado seus cursos o tornaram, por sua vez, anfitrião e orientador de pós-doutorandos nossos, em Stanford. Além desse duplo contato, Hans Ulrich Gumbrecht, como é seu nome oficial, tem estado conosco por diversos de seus livros traduzidos. O livro com os cinco ensaios que aqui prefacio será apenas o mais recente.

Desde que o conheci em Constança, temos sido amigos, e a ele devo tanto o escape da cortina de ferro com que a ditadura de 1964 me cerceava quanto, depois dela, nossa estreiteza intelectual. Isso, entretanto, não significa que nossos perfis intelectuais não contem com divergências. Elas apenas não afetam o laço afetivo que nos une.

Nossas perspectivas diferentes aqui se manifestam no primeiro ensaio pela orientalização ensaiada da experiência estética. Assim se faz por sua aproximação do conceito heideggeriano de *Gelassenheit*, entendido metaforicamente como “calma compostura”. A razão de minha discordância decorre de que tal associação me soa como uma forma, por certo refinada, de defesa do *status quo*. O argumento que nos desune se mostra pela junção de duas afirmações: ao passo que “interpretar o mundo conceitualmente, revisar antigas interpretações, afinar nossas perspectivas – esse é, afinal, o modo como vivemos nossas vidas”, “o que espero conseguir com a arte (ou por meio de qualquer outro recurso) é *ficar quieto por um momento*, é não ter a necessidade de produzir novos conceitos o tempo todo e de transformar a mim mesmo ainda uma vez” (p. 34). O limite de pôr limites à exigência de produção de conhecimento, a separação, portanto, entre *Erkenntnis* e *Kunst* seria uma maneira simpática e eficaz de reagir ao conteudismo que tanto prejudica a recepção da obra de arte, se o modo como é feito não se confundisse com a defesa da apatia, do alheamento ante a realidade presente; com o conservadorismo, em suma. Para que essa superposição não ocorresse, seria necessário ainda diferenciar a quietude que provoca a invenção artística daquela que provoca a indiferença, em seu receptor, ante a desigualdade

entre as classes componentes da sociedade humana. Se não o fazemos, a arte (“ou (...) qualquer outro recurso”) se torna um meio justificador da indiferença ante a vida dos demais.

É bastante provável que o ensaio seguinte, o mais longo e importante nesta coletânea, ofereça condições para essa correção. Não que ela seja feita – o que tornaria ocioso o ensaio anterior. Resumo-o, em termos o quanto possível econômicos, para que sirva de auxílio para um raciocínio rico e complexo.

O ensaio começa por chamar a atenção para o papel central que, nos dois últimos séculos, o conceito de *sentido* tem desempenhado na filosofia ocidental. Apesar da variedade de acepções com que o termo é usado, ele sempre funda o horizonte da relação entre sujeito e objeto. Dentro dessa relação, a afirmação do sentido se encaminha para *produção de sentido*, o que vale dizer, se encaminha para a ativação da consciência. Além do limite temporal, há pouco referido, a centralidade do sentido serve por um lado, de subsolo para a metafísica e, por outro lado, para a produção de efeitos no sujeito.

O que esboço nas poucas frases anteriores, serve de preâmbulo para introduzir o pensamento de Heidegger, que será o esteio do desenvolvimento promovido por Gumbrecht. Dito de maneira mais explícita: ele serve de abertura para que se discuta *a possibilidade de evitar a produção de sentido, em nossas relações com o mundo*. O argumento tem sua vasta complexidade abrangida pelo recurso à comparação do pensamento heideggeriano com sua vertente não ocidental. Para tanto, nosso autor ressalta o ensaio em que Heidegger discute a conversa mantida com um germanista japonês, o professor Tezuka, que o visitara em sua cabana, na Floresta Negra. O texto, escrito entre 1953-54,

se intitula “De uma conversa sobre a linguagem – entre um japonês e um interrogante” (“Aus einem Gespräch von der Sprache – zwischen einem Japaner und einem Fragenden”), foi incluído em *Unterwegs zur Sprache (Rumo à linguagem)*, de 1959.

Àquele que pergunta, i.e., ao próprio Heidegger, importa indagar sobre a problematização do nada, no pensamento japonês (mais genericamente, oriental). Em vez de confundido com o vazio, como entre nós sucede desde os pré-socráticos, o nada, no pensamento oriental, se remete ao nirvana. Com isso, a questão do sentido ganha uma dimensão que, nós, ocidentais, ignoramos. O ensaio de Gumbrecht nos possibilita entendê-lo por duas maneiras:¹ ou pela citação de Peter Fuchs – o nada, no nirvana, equivale a afirmar “a ausência de cirurgia hermenêutica” – ou, pela transcrição de um sermão de Buda: “Há uma esfera, monges, onde as coisas não são sólidas nem fluidas, onde não há calor nem movimento, tampouco esse mundo tampouco aquele mundo, nem sol, nem lua. Isso, monges, eu chamo nem ir nem vir, nem nascer nem morrer. É sem princípio, sem desenvolvimento, sem apoio. E isso é exatamente o fim do sofrimento” (p. 49).

A subserviência manifestada pelo germanista japonês não satisfazia a curiosidade de Heidegger. Para que a conversa adquirisse interesse, a ponto de Heidegger incluí-la posteriormente

1. A comparação com o pensamento oriental não é um recurso aleatório ou muito menos arbitrário. Mostra-o as duas obras de referência sistemática ao pensamento de Heidegger: o *Handbuch Heidegger. Leben – Werk – Wirkung*, com o verbete “Das ostasiatische Denken. Annäherungen zwischen fremden Welten”, da autoria de Rolf Elberfeld, 2013. p. 487-490 e *The Cambridge companion to Heidegger*, com o verbete de Michael E. Zimmerman: “Heidegger, buddhism, and deep ecology”, 2006. p. 293-325.

em uma reunião de ensaios de sua autoria, foi necessário que ele se recordasse de outro japonês, o conde Shuzo Kuki, que, tendo vivido na Europa, entre 1921 e 1929, quando frequentou universidades francesas e alemãs, esteve com Heidegger e escreveu, ao voltar ao Japão, um livro, no qual procura interpretar a arte japonesa em termos estéticos, ou seja, ao modo europeu. Gumbrecht cita seu livro, *Reflexões sobre o gosto japonês. A estrutura do iki*, em tradução para o inglês.

Trazer o contato passado com Shuzo Kuki e seu livro ao diálogo de então não significa que Gumbrecht o faça com a gravidade que se poderia esperar. Ao contrário, a referência aos encontros tidos com o conde é eventualmente marcada pelo tom de gracejo e ironia: “(...) Há um alívio cômico considerável em imaginar como o filósofo da Floresta Negra caiu na lábria de um impostor intelectual tão admirável e ousado quanto Kuki Shuzo” (p. 58). Contudo, o reparo não reduz as conversas com Kuki a algo banal e corriqueiro. Ao contrário, elas abrem trilhas de aproximação ao pensamento japonês, que servirão ao interrogante, em sua busca constante de destruição da metafísica. Daí parte a aproximação, da responsabilidade de Gumbrecht, entre o nirvana, em sua já notada complexa entropia, e o conceito heideggeriano de duplicidade – simultaneidade não metafísica entre Ser e ente (*Sein e Seiend*) –, aproximação que implica, nas palavras do ensaísta, “a não distinção entre aquilo que está presente e o que está ausente” (p. 63).

A duplicidade do Ser, com sua simultaneidade entre presença e ausência, conduz o Ser heideggeriano à epifania. É como epifania que Gumbrecht interpreta as manifestações, na experiência estética, do “gesto”, da “graça”, da “alusão”: “Todos

os três termos mostram uma forma. Eles todos são – em modos diferentes – incorporações da forma que eles fazem aparecer. Eles são todos momentâneos. Uma forma de unificar essas três observações seria, portanto, dizer que graça, gestos e alusões, assim como a linguagem poética, são todas instâncias da emergência da incorporação da forma – instâncias nas quais a emergência da incorporação da forma anda de mãos dadas com seu desaparecimento” (p. 66).

Demoramo-nos na explicação, porque, embora uma barreira se interponha entre os pensamentos de Heidegger e o oriental, ela acentua aquilo em que assenta a ênfase, assumida pelo Gumbrecht dos últimos anos, na caracterização do que ele vem chamando de *presença*, na experiência estética. Apenas de passagem, assinalo uma questão que mereceria um estudo demorado: havendo principiado sua carreira docente como medievalista e, ao se transferir para Stanford, incorporando-se aos estudos comparatistas, durante muitos anos nosso autor intercalou suas abordagens literárias com os mais variados assuntos. Sua ênfase recente na *presença* parece indicar seu reenlace com os estudos literários, em uma base, portanto, completamente refeita.

Se a observação estiver correta, ela significa que a religação com a literatura ainda se encontra em processo. O ensaio destacado parece demonstrar que o centro na *presença* se respalda no pensamento de Heidegger, sobretudo o posterior ao *Sein und Zeit*, que lhe serve para distanciar-se da versão ocidental da estética, por enfatizar o entendimento do Ser como algo aproximável ao misto de presença e ausência do nirvana oriental. Daí oriunda o relacionamento que estabelece do fenômeno estético da graça

(*Anmut*) com os efeitos de *Anwesend* (presença), *Entzücken* (deleite) e *Entziehen* (retirada ou supressão).

Reatando o último desenvolvimento com o começo desta introdução: a arte ofereceria, conforme a visão que Sepp Gumbrecht passa a desenvolver, a resposta à experiência de mundo não mais reduzida à produção de sentido. Na arte, essa produção, por certo, não deixa de ocorrer, porém não mais em uma relação redutora, porquanto também supõe a simultaneidade de sua negação (a retirada de sentido). Em palavras mais simples, a arte tem sentido e o estimula, mas não se resume à sua produção, porque sua construção independe do instrumento produtor por excelência de sentido, o conceito.

A nota introdutória que se acaba de ler não tratou senão dos dois primeiros ensaios. Não trata do terceiro, “A poesia como modo de atenção” porque, compreendendo o leitor o trajeto do longo ensaio anterior, seu entendimento não apresentará dificuldade. Diria mesmo que sua acessibilidade independe da reflexão que se efetua sobre aquele. Já os dois últimos ensaios podem ser resumidos a uma curta observação: são recordações autobiográficas relativas ao medievalista Paul Zumthor e a Hans Robert Jaus. Por seu próprio caráter, eles não precisam de apresentação.

Rio de Janeiro, junho de 2016.

REFERÊNCIAS

- THOMÄ, D. *Heidegger Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart – Weimar: J. B. Metzler, 2. ed., 2013.
- GUIGNON, C. B. *The Cambridge companion to Heidegger*. Cambridge: Cambridge University Press, 2. ed., 2006.